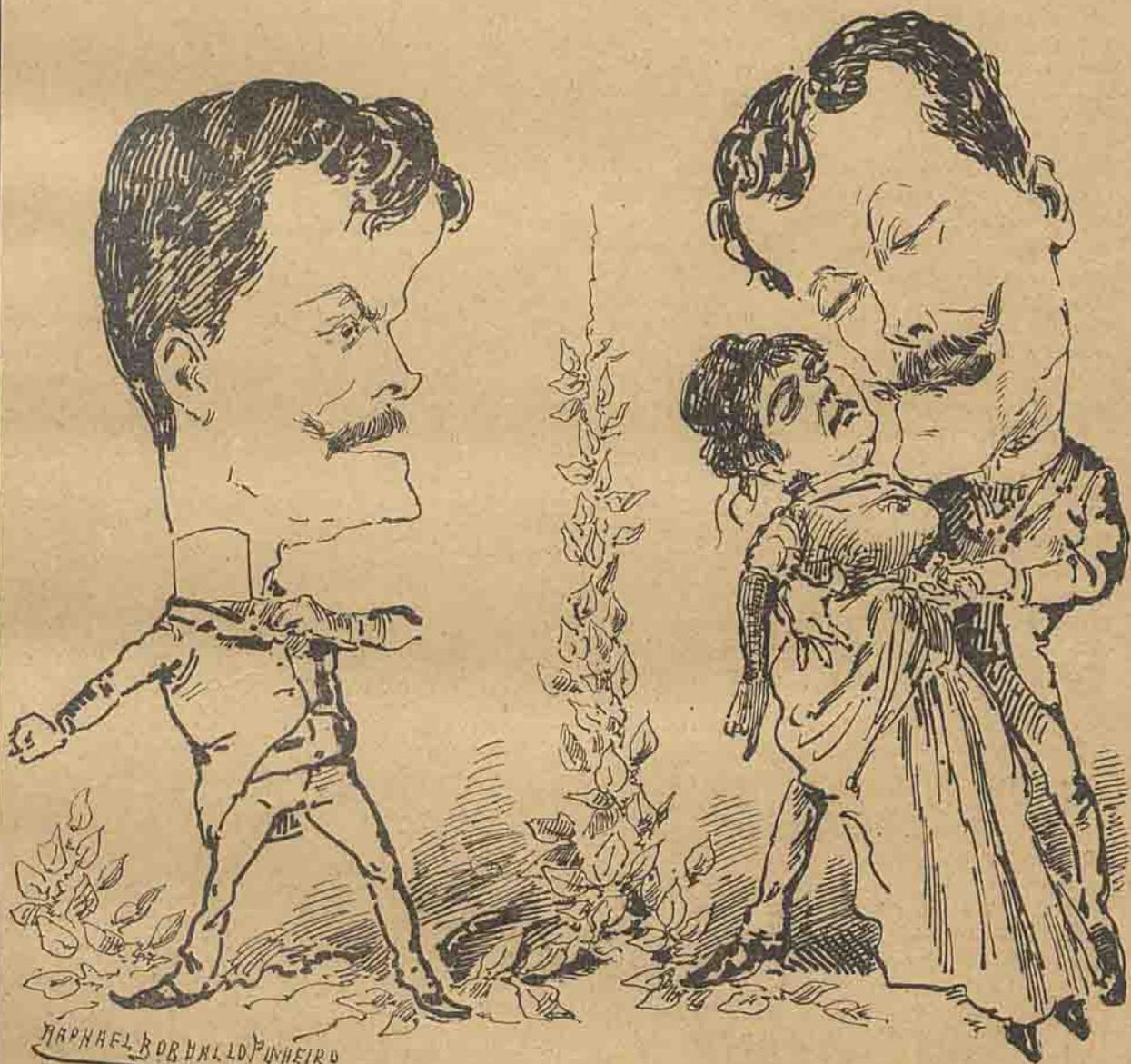


THEATRO DE D. MARIA

E' amanhã, sexta feira, a festa artistica de João Roza, com a primeira representação do *Duque de Viçeu*, drama original em verso, por Henrique Lopes de Mendonça.

Como João é um dos homens mais lindos que pisa as ruas de Lisboa e o lapis dos *Pontos nos i i* não teria nem força nem côr para o reproduzir condignamente, resolvemos desenhá-lo em caricatura, o que produzirá talvez o effeito benéfico d'um *douche* nas cabeças inflammadas de muitas gentis meninas...



JOÃO TERRIVEL

JOÃO AMOROSO

CHRONICA

O tempo vac bonançoso para as inaugurações luxuosas.

Em menos de quinze dias, nem menos de duas, qual mais notavel e flamante, a disputarem-se mutuas primasias: o *Grande Restaurant Avenida* na galeria dos Recreios e a elegante pharmacia Estacio na praça de D. Pedro.

Que esta pharmacia, na verdade, não é mais de que um complemento indispensavel d'aquelle restaurant.

Dizendo um sabio proloquio que «das grandes ceias estão as sepulturas cheias» e vindo o restaurant tentar com as suas deliciosas ceias ainda o mais sobrio dos indigenas, foi uma obra de caridade pôr-lhe a botica ao pé da porta, como o sr. padre Amado poz no cathecismo, junto aos sete peccados mortaes, igual numero das virtudes com que esses peccados se combatem...

A inauguração do *Grande Restaurant Avenida*, foi uma festa verdadeiramente principesca, apesar de não assistir a ella nenhum principe de sangue.

De sangue foram apenas convidados alguns chouriços superfinos e igual numero de cabidellas magistraes...

O Restaurant é uma positiva novidade na mais lata accepção da palavra.

Novidade em comidas, que são excellentes; novidade em preços, que são modicos ao ponto de se poder pedir um almoço de dois pratos com a mesma despeza com que se pede justiça em duas folhas de papel sellado: e novidade em recheio de casa, visto que é tudo novo, desde os capachos onde cá fóra se limpam as botas até os guardanapos onde lá dentro se limpa a bocca!

Neste ultimo artigo, francamente, é que nós dispensavamos a novidade.

Porque não ha coisa mais incommodativa de que um guardanapo novinho em folha...

Aquella *pose* indomavel que o guardanapo toma sobre o prato sopeiro, aquella tesura impertinente de antes quebrar que torcer, contende-nos com os nervos como um boneco de sabugo!

Por mais robusto e mais eloquente que se seja, não ha meio de lhe quebrar a impertigada teimosia!

Nem razões que o convençam nem força que o domine!

Cicero e o mudo de Alcantara são dois impotentes em face d'um guardanapo ainda por estriar!

A gente agarra-o ás mãos ambas e espreme-o como se estivesse espremendo um limão de cantaria!



E o maldito escoa-se-nos dos dedos, como uma enguia muito fina, e volta á primitiva posição, em cima do prato couvo, envolvendo como um sobretudo a côdea do pão de bico!

Despejamos-lhe em cima uma garrafa d'agua, para lhe amolecer a gomma e lhe arrefecer o sangue.



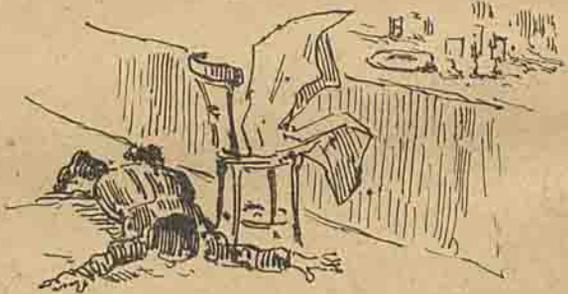
E o teimoso sacode-se como um cão da Terra Nova ao sahir do banho, e fica-se ainda mais teso e mais esparto, exactamente como uma pessoa em seguida á operação do douche matutino!

Perdida a paciencia, agarramo-nos á elle como um luctador de circo; fazemos-lhe estalar as costellas de linho cru na tenaz dos nossos braços herculcos.

Traçamos-lhe a perna para o fazer cair á traição debaixo de nós, comprimimos-lhe com o joelho ossudo o estomago adamacado.



E após uma lucta titanica de mais de trez quartos d'hora, ficamos estendidos no sobrado, tremulos, suados, offegantes, emquanto elle, o guardanapo victorioso, salta como uma pella de borracha a occupar o seu primeiro poiso em torno do pão de bico, teso, impertigado, correcto e impolluto, como um fino diplomata ao entrar para o baile da embaixada!!!



A pharmacia do Estacio tem sido o pasmatorio official de toda Lisboa nos ultimos cinco dias.

Que differença, entre aquelle estabelecimento sumptuoso e a antiga botica dos velhos tempos, onde á noite se jogava o gamão e se discutia, commulativamente com a politica da Europa, os escandalos pican-tes da visinha do terceiro andar!...

O transeunte pára-se estatico e contemplativo junto ás montras da elegante pharmacia, lambendo-se guloso na contemplação do loiro cerejo, como se lambe na admiração d'um loiro peru, á vitrine de qualquer casa de pasto!

Para exprimentar os ingredientes d'uma botica tão bem posta até faz gosto apanhar uma pneumonia.

Estacio é, como o leitor já deve saber, o fabricante d'aquelles soberbos licores e vinhós espumosos.

Não sabemos se este artigo tambem se vende na botica, mas era de toda a conveniencia que se vendesse.

Ali, melhor de que em parte alguma, se podia desafogadamente apreciar a excellencia de taes productos.

Depois d'uma duzia de garrafas de licor, igual numero de papelinhos de soda, e ficava uma pessoa apta a voltar para sua casa sem necessidade de fazer pela rua a 10.^a letra do alphabeto.

A inauguração da pharmacia Estacio foi assignalada por um sumptuoso banquete a que assistiram os ornamentos da nossa primeira sociedade.

Eis o *menu* d'essa deslumbrante festa:

Potage

Estê de dormideiras.

Hors d'Oeuvre

Petit-paté aux papas de linhaça.

Relevé

Capsulas a la Raquin.

Salmi de veado em raspa.

Legume

Alfavaca de cobra au demi-bain.

Rotis

Perú au sauce de vin espumoso

Salade de malvas.

Entremets

Poção de Chopard.

Vellas de cacau.

Dessert

Jalapa e algalias á discreção.

Accusamos hoje a recepção de quatro livros, com muito maior jubilo de que o juiz Firmino Lopes é capaz de accusar igual numero de reus em processos chorudamente rendosos.



A Republica em Portugal, um valioso trabalho de Trigueiros de Martel, cheio de criterio, de justiça, e de bom senso.

As paginas d'este volume, não são simples folhas de papel: são folhas de aço bem temperado a relusirem ameaçadoras sobre a cabeça das instituições que nos regem.

Depois do antecedente livro, que põe a Ajuda em muitos maus lençóes, recebemos da mesma Ajuda um pequeno folheto de Mello Breyner, —pequeno no volume mas representando um trabalho enorme—denominado *As Rosas*.



Nós que adoramos essa flor, caímos triste ao ver aquella extensa relação de formosissimos exemplares, como um guloso esfaimado deve entristecer ao solettrar na sua penuria o appetitoso *menu* d'um primeiro hotel



Historias da Montanha é o nome do volume publicado por Monteiro Ramalho, aquelle sympatico rapaz que tem, a par d'uma distincção de perfeito gentlemen, o que quer que seja de montanhez, que muito o relaciona com o titulo do seu livro.

Monteiro Ramalho não phantasiou aquellas paginas á banca do trabalho ou á mesa do café; construiu-as, cremos nós, de observações em flagrante, nas viajatas por essas provincias onde elle se esconde sempre que acha leo de se escapar á semsaboria da cidade.

O livro é escripto n'aquella fórma elegante, rendilhada, original, em que Monteiro Ramalho se revella de ha muito um estylista accentuado.



Hervas, finalmente, é como se denomina o tomo de versos de Coelho de Carvalho, que apresentamos ao leitor vestido de mandarim, em attenção á posição de consul de Shangai exercida por aquelle distincto poeta.

Versos admiraveis e edição elegantissima, eis o que nos offerece o precioso volume no qual, ao estro inspirado de Coelho de Carvalho se ajuntou, em trabalho de edição, o genio artistico de Alberto d'Oliveira.

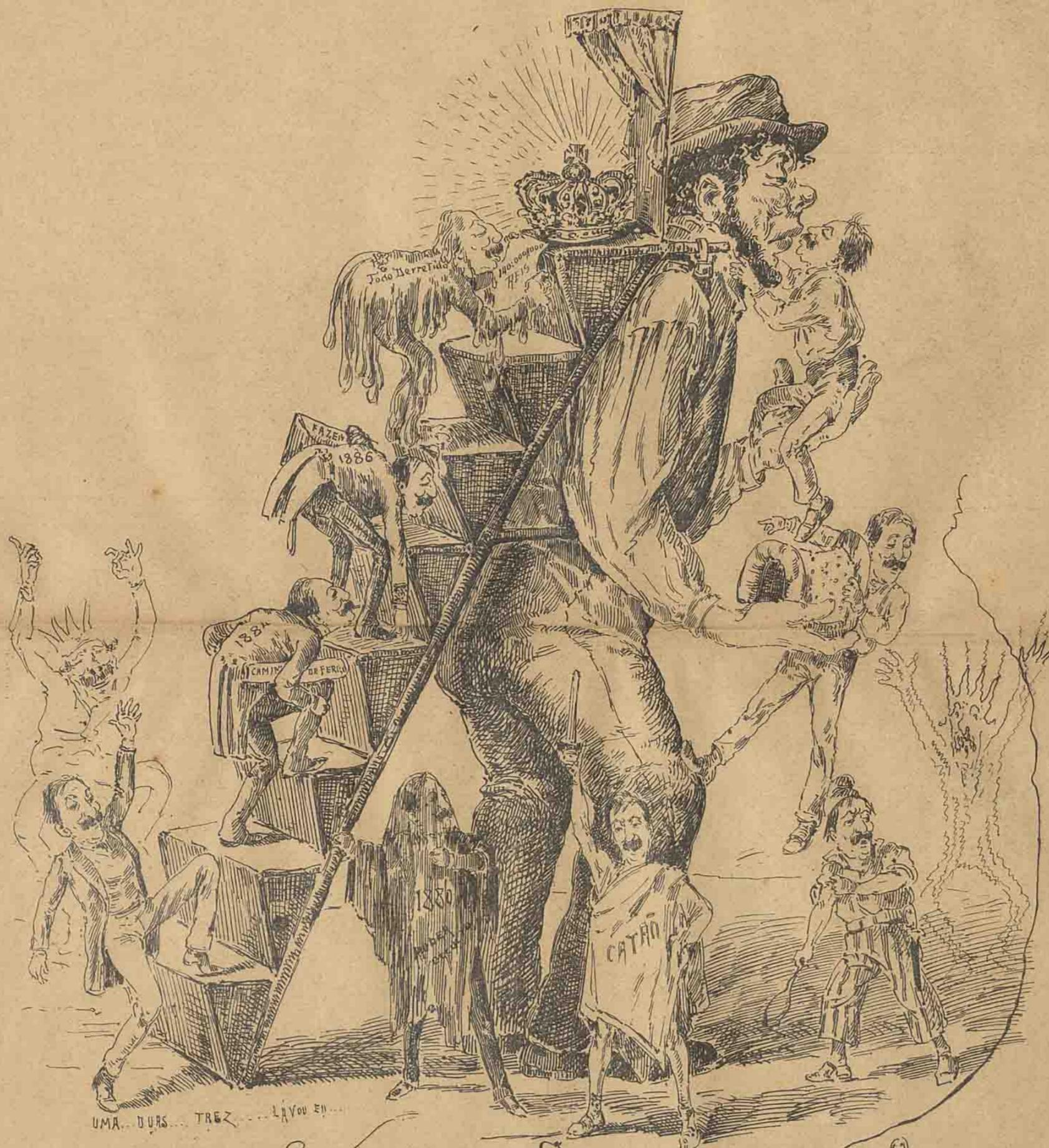


Na proxima terça feira, 23, realisa-se no theatro do Principe Real a festa artistica da distincta actriz Maria das Dores.

A beneficiada desempenhará n'essa noite um papel que ainda não desempenhou—que o saibamos—na vida real. *A avó*.

Já que não podemos ver Maria das Dores, de avosinha verdadeira, a passeiar na Avenida, vamos ao menos vê-la no Principe Real, desempenhando o papel de avó postiza.

A ESCADA DE ZÉ



UMA DUA... TREZ... LA YOU EN...

RAFAEL BORDALLO PINHEIRO

1879.

Subiu por onde sobem todos e por onde subiria o proprio Zé... se pudesse marinhar por si acima.

LENDA DO SAPATEIRO

N'um modesto pardieiro
Residia um sapateiro
E no palacio fronteiro
Um fidalgo de estucha...
— Como a folha no arvoredo,
Ao passar do vento ledô,
Tremia o principe a medo
De pensar no mestre bucha!...

E' que o mestre Marianno
— Era o nome do tyranno —
Qu'ria fazer oleo humano
Do fidalgo rapazola.
Por isso o joven, por isso,
De seu genio assustadiço,
Tremia como um caniço
Só de o sentir bater sola!

Após os dias tristonhos
Tinha o principe em seus sonhos
Uns pesadellos medonhos
Que o definhavam até;
O mestre, em camisa churra,
Fallava-lhe em voz casmurra
E era surra sobre surra
No lombo co'o tirapé!

N'esse eterno viver agro
Tornou-se o principe magro
Como entre os montes o nagro
Da fome ao duro cilicio;
E a raiva, ganhando juro
No peito do mestre—um muro!—
Poz-lh'o duro, duro, duro,
Como uma pedra do officio!

Mas passaram longos tempos
Sem se erguerem contratempos...
O mestre em seus passatempos
Abrandou a força aos foles...
Co'o *cerol*, ou com que fosse,
Pouco a pouco, amaciou-se...
E afinal fez-se mais doce
De que um barril d'ovos moles...

Todo elle é festas, afagos;
Ao fidalgo off'rece bagos,
P'ra que o rapaz deixe pagos
Alguns biscates ou *cães*...
De animal-o não prescinde,
Quer que elle o palacio alinde,
— E não tarda em dar-lhe um brinde
Do bazar dos trez vintens...

PAN-TARANTULA.



CASOS, TYPOS E COSTUMES



Ella branca, muito loira,
Magra, sem ancas sequer;
— O proprio pau de vassoira
Que se vestiu de mulher...



Elle, olhos pretos, moreno,
Baixinho, muito nutrido;
— O mundo, o mundo em pequeno,
Com fato d'homem crescido.



Ella—nem sombra de peito;
Elle—de enorme peitaca!
— Vejam que par tão perfeito
P'ra o cruzamento da raça.

D'este par—Branca e Silvestre—
Brotára essa mutua estima
No ardor d'um baile campestre
Ao marquêz Ponte de Lima.



Elle, a tremer, timorato,
Disse-lhe assim, commovido
— Gosto de si, como um gato
Gosta de bofe cosido!



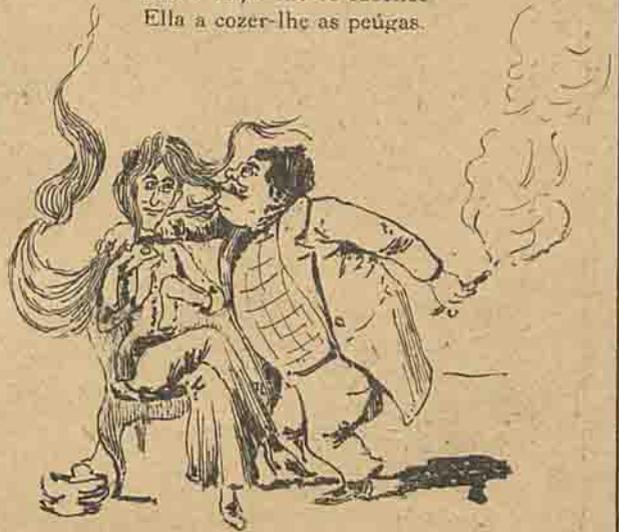
— P'ra lhe offertar, com effeito,
Não tenho um salão octog'no...
...Dou-lhe um logar no meu peito
E outro no leito de mogno...



D'amor no doce declive,
Seguindo o eterno programma,
Viverem como Deus vive
Co'os anjos — *si vera est fama*...

Sem um dito, sem um ralho,
Qual mais se estima e se adora,
Ella em caseiro trabalho,
Elle em trabalho por fóra.

Era um gosto a gente vel-os,
Dos ocios nas raras lugas,
Elle a beijar-lhe os cabellos
Ella a cozer-lhe as peúgas.



Porém cedo e muito cedo
Terminou, baixando á joisa,
«Esse engano d'alma ledo
Que a fortuna...» e tal e coisa...

Nas cabeças — serei breve! —
Deu-se uma coisa inesp'rada:
A d'ella, fez-se mais leve;
A d'elle... poz-se pesada.

Seguindo a constante regra,
N'esse horisonte d'amores
Atra nuvem surgiu negra.
— Um alfer's de caçadores!



(Continua no próximo numero)

THEATRO CHALET

A REVISTA «OS PONTOS NÓSSOS»



E' hoje quinta feira, no theatro Chalet, a festa artistica do actor Mello, o famoso *Bailio* da Revista e a quem o publico applaude todas as noites.

O leitor que se apresse a mandar comprar bilhete para ver o *Bailio* de perto, porque, no caso presente, podemos assegurar-lhe que não corre o menor risco...

Na proxima segunda feira, 22, é tambem a festa artistica do actor Joaquim Silva, o *High-life* da mesma Revista, um excellent cantor de couplet.

Estamos a vel-o, com a sua magnifica veia comica, a cantar n'essa noite para o publico que hade encher

a sala

«Posso agora dizer com vaidade,
Vendo tão lisongeiro comicio,
Que uma parte—a melhor—da cidade
'stá presente no meu beneficio.»

«E os que faltaram não foi por sua culpa, tenho a certeza d'isso... Se viessem para o theatro teriam então de faltar á entrevistá em S. Pedro d'Alcantara, com aquella pessoa que nós sabemos e que...

Alho alho caracol e couve,
Couve couve caracol e alho»...